

Voz da Fátima

Director: Padre Luciano Guerra • Santuário de Nossa Senhora de Fátima • Publicação Mensal • Ano 83 - N.º 991 - 13 de Abril de 2005



Propriedade
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
AVENÇA - Tiragem 118.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 - Depósito Legal N.º 163/83

Redacção e Administração
Santuário de Fátima, Ap. 31 - 2496-908 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 - Fax 249 539 605
www.santuário-fátima.pt • e-mail: ccs@santuário-fátima.pt

Composição e Impressão
Gráfica de Leiria
Rua Francisco Pereira da Silva, 25
2410-105 LEIRIA

Assinatura Individual, anual:
Portugal: 5 Euros
Estrangeiro: 7,5 Euros



Mergulhado em Deus

Com risco de exagerar, ousou dizer que o Papa João Paulo II vai ficar na História da Igreja como o mais original de todos os Papas. Fundo-me em pequenos e grandes factos.

No próprio dia da sua investidura como sucessor de Pedro, quando todos os cardeais ajoelhavam um a um diante dele para lhe beijarem o pé, em juramento de fidelidade, o novo Pontífice, ao ver dobrado diante de si o cardeal Wiscinski, arcebispo de Varsóvia, ergue-se bruscamente, levanta o seu compatriota, e os dois homens de Deus abraçam-se longamente, entre mil recordações e acções de graças, por aquela misteriosa surpresa que Deus concedia à sua martirizada Polónia, dando a Roma um Papa estrangeiro, novidade que a cidade eterna não via há mais de quatrocentos anos. Correu mundo essa fotografia com a imagem de Wiscinski a chorar, rosto apoiado sobre o ombro do Papa, saboreando ambos a presença do Deus de toda a consolação, sublime recompensa para os que se entregam pela causa da fé.

Depois foram as crianças. O Papa Wojtyła tomava-as nos seus braços e beijava-as, como Jesus, e com a visível ternura de um homem que se encanta com o futuro do mundo, recriado todos os dias na inocência e na fragilidade dos pequeninos. Vieram depois as viagens apostólicas pelo mundo. Podem alguns ter pensado que o gesto de se ajoelhar por terra para beijar o solo nu quando pela primeira vez pisava uma nação ainda não conhecida, seria um acto de actor habituado às exigências do palco. Mas a coerência que o seu gesto encontrava em tantos discursos e atitudes dizia bem a toda a gente que tais gestos traduziam com autenticidade um amor sincero do seu coração para com as terras e as gentes de todas as latitudes.

Seria exagero dizer que uma das manifestações da originalidade de João Paulo II esteve exactamente na autenticidade dos seus beijos e carícias? Quem não se deixou interpelar por aquele osculo de veneração que ele um dia depositou sobre o rosto e a cabeça da Madre Teresa de Calcutá, preanunciando o dia em que teria a graça de a elevar aos altares? Na simplicidade dos seus gestos, este Homem rompia a formalidade com que dois milénios de regras protegiam a sua alta missão e deixava-se arrastar pelo amor do seu coração até manifestações jamais vistas em pessoas semelhantes. Ele molhava o dedo para voltar a página do discurso, largava com frequência palavras de humor que faziam sorrir, alargava o olhar quase de soslaio para a vasta assembleia que tinha diante de si, e foi à cadeia dizer a Ali Agka que lhe perdoava o crime do atentado, com a mesma "naturalidade" com que persistiu em pedir perdão a tantas instituições pelos pecados da Igreja, ainda depois de tantos e tão verrinosos protestos.

Algum Papa até hoje, nos tempos modernos, se atreveu a discursos tão longos, mas tão bem pronunciados em línguas que nenhum como ele conseguira suficientemente dominar? Mas os jovens amavam-no, mesmo quando não eram capazes de seguir os seus conselhos, porque percebiam como é importante para o testemunho da verdade a coerência da palavra e do comportamento.

Onde bebeu o Papa tanta originalidade?

Certamente que na rica natureza recebida de seus pais. A sua inteligência filosófica, a sua sensibilidade poética e artística, o seu sentido oportuno de acção, a sua bela e funda voz eslava, o seu olhar perscrutante, tudo coroado por uma imensa simpatia para com toda a criação, desde o barro e as flores ao ser humano mais perfeito e às comunidades mais longínquas, deram-lhe esse traço muito raro das personalidades que assentam marcos na história.

Mas o segredo maior do Papa foi a oração. Este Homem vivia mergulhado em Deus. Oração de coração e oração de fórmulas. Oração de voz e oração de silêncio. Oração de palavra e oração de canto. Ele gostava muito de cantar, e quem gosta de cantar a Deus reza duas vezes. Este Homem vivia mergulhado em Deus. O Papa não sabia rezar senão de joelhos, até quando estava de pé. Até quando no meio de grandes assembleias, fechava os olhos para se recolher. Para não ver senão o invisível. Como Jesus, que acolhia as multidões e às vezes fugia delas. Ele rezava o terço inteiro de joelhos. E consta que chegava a prostrar-se completamente, como fez o Anjo na Loca do Cabeço. Quando vinha a Fátima, o Papa passava o tempo "livre" numa capelinha que lhe era armada junto dos seus aposentos. Antes e depois das nossas fatigantes celebrações. Na manhã de 25 de Março de 1984, quando nos aprestávamos para a celebração em que o Papa ia fazer a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria, com todos os bispos do mundo, alguém dos seus mais próximos me confidenciou: o Papa passou a noite em oração diante da imagem de Nossa Senhora. Este Papa foi um Homem raríssimo. Porque Homem do Único necessário. Um Homem de Deus.

P. Luciano Guerra

Sua Santidade o Papa João Paulo II - 1920-2005

Fátima nunca esquecerá João Paulo II

Fátima nunca esquecerá este Papa. O mundo nunca esquecerá João Paulo II que, cumprindo o pedido de Jesus Cristo, foi por todo o mundo, até aos confins da terra, anunciar a Boa Nova.

O mundo perdeu um homem de coragem, de palavra e de acção que, mais que tudo, e sempre serenamente, soube transmitir aquilo que são os verdadeiros valores: a fé em Cristo Ressuscitado, a paz, a humanidade e a vida. Ficámos sem uma das vozes que souberam ser, até ao seu último momento, o testemunho vivo de Jesus Cristo. Nos momentos finais viveu a sua Via-sacra pessoal, de dor e de sofrimento, ao serviço de Deus e dos homens, entregando-se nas mãos de Maria.

O Santuário de Fátima ficou sem um peregrino fiel, que um dia afirmou que todos os dias vinha a Fátima, e Nossa Senhora tem agora junto de si o homem que consagrou o mundo ao Seu Imaculado Coração, a 25 de Março de 1984, em Roma, diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima, levada da Capelinha das Aparições.

João Paulo II interiorizou a mensagem que Nossa Senhora deixou em Fátima em 1917 e tomou-se, a partir do ano 1981, após o atentado em Roma, a 13 de Maio, o Seu mais fiel mensageiro.

Na sua primeira visita a Fátima, que tanto honrou este Santuário Mariano, em 1982, o Sumo Pontífice realçou que vinha aos pés da Virgem como peregrino, "com o terço na mão, o nome de Maria nos lábios e o cântico da misericórdia de Deus no coração". "Gratidão, comunhão, vida! Nestas três palavras está a explicação da minha presença aqui neste dia; e, se me permitis, também da vossa presença. Aqui atinjo o ponto culminante da minha viagem a Portugal. Desde há muito que eu tencionava vir a Fátima, mas, desde há um ano atrás, ao tomar consciência, o meu pensamento voltou-se imediatamente para este Santuário, para depor no coração da Mãe Celeste o meu agradecimento por me ter salvado a vida".

O Santo Padre sentia um carinho especial pelos Pastorinhos Beatos Francisco e Jacinta Marto, que nunca esqueceram o Papa nas suas orações e sacrifícios, e manteve grande proximidade espiritual com a vidente Lúcia. Aquando das exéquias fúnebres da Ir-

mã Lúcia, a 15 de Fevereiro deste ano, o Santo Padre, na mensagem enviada através do cardeal Tarcísio Bertone, reafirmava, a propósito da Irmã Lúcia, que "Sempre me senti amparado pela oferta quotidiana da sua oração, especialmente nos duros momentos de provação e de sofrimento".

Emoção e Recolhimento

Neste santuário, o anúncio da morte de João Paulo II aos peregrinos de Fátima foi feito às 21h30, do dia do falecimento (2 de Abril 2005), na Capelinha das Aparições, no início da habitual oração do Rosário, pelo Pe. José Baptista, Director do Serviço de Peregrinos e capelão do Santuário. O momento foi de profundo silêncio e recolhimento. Iniciou-se depois a oração do Rosário, seguida da Procissão das velas. Estavam à volta de 2500 pessoas no Santuário. Apesar da chuva e do frio, não abandonaram o local de oração.

Nos dias seguintes, todas as celebrações foram feitas em união espiritual com o Sumo Pontífice.

Os órgãos de comunicação social cumpriram, mais que nunca, os pedidos deste Papa que deu a primeira entrevista a uma televisão e, de quase todo o mundo, vieram, e continuam a



Fátima, 13 de Maio de 2000.

chegar, a Fátima para contar a ligação deste Papa com a Virgem Maria. Cumpriu-se o lema que tinha sido escolhido pelo Papa, para o Dia Mundial das Comunicações Sociais 2005, celebrado no início do ano: "Os meios de comunicação social ao serviço da compreensão entre os povos", para que os média, pelo trabalho que desenvolvem, "conduzam à compreensão, à justiça e a uma paz duradoura".

A devoção dos Cinco Primeiros Sábados

No final da celebração da assembleia litúrgica de sufrágio a João Paulo II, a 5 de Abril, na Capelinha das Aparições, D. Alfio Rapisarda, Nuncio Apostólico em Portugal, destacou a "filial e terna devoção" de João Paulo II à Virgem, como o comprova o símbolo "M" no seu brasão pontifício.

"Profundamente convencido de que foi Nossa Senhora de Fátima que Lhe salvou a vida no terrível atentado de 13 de Maio de 1981", em Roma, o Papa iniciou, depois, "uma devoção que nunca esmoreceu em toda a sua vida e que manifestava com a piedosa prática constante do Rosário, que recitava em público (em Roma) em todos os primeiros sábados do mês", vindo a morrer no primeiro sábado de Abril e o "anúncio do seu desaparecimento foi feito aos fiéis enquanto se encontravam reunidos na Praça de São Pedro, recitando o Rosário".

"É-nos, portanto, de toda a consolação pensar que Nossa Senhora, que Lhe salvou a vida no terrível atentado de 13 de Maio de 1981, garantiu a Sua presença na hora da morte e veio acolhê-Lo num primeiro sábado para o levar consigo para o Céu", disse D. Rapisarda.

Igreja de Portugal em comunhão com o Papa

Na abertura dos trabalhos da 159.ª Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), reunida em Fátima de 4 a 7 de Abril, e durante a qual D. Jorge Ortiga foi eleito o novo presidente da CEP, o Episcopado Português prestou homenagem ao Papa. D. José Policarpo sublinhou que a comunhão com João Paulo II, "toma agora a dimensão da eternidade, na comunhão definitiva com Deus, vocação última da Igreja e que João Paulo II já experimenta em plenitude". "Aqui em Fátima (o Papa) disse-nos em 1982 que o Pastor é aquele que vai à frente, para

identificar os perigos e apontar os novos caminhos da peregrinação do Povo de Deus. Ele foi, para toda a Igreja, esse Pastor, que decididamente, com passada larga, tomou sempre a dianteira, apontando obstáculos a vencer mas, sobretudo, rasgando novos caminhos, alguns nunca andados nem imaginados", disse D. José Policarpo.

Os bispos de Portugal celebraram, um dia depois, a 5 de Abril, na Capelinha das Aparições, uma eucaristia solene em memória do Papa. Associaram-se à celebração o Nuncio Apostólico em Portugal, D. Alfio Rapisarda, e

114 sacerdotes. Durante a celebração, na qual participaram dois mil fiéis, D. António Marcelino frisou que os bispos portugueses, "representantes de todas as Dioceses de Portugal, devemos estar gratos ao Papa, gratos a Deus pelo dom deste homem". O Pontificado de João Paulo II constitui "um património da Igreja que não se pode mais dispensar nem se pode esquecer", afirmou D. António Marcelino, acrescentando que o Papa "voltou ao testemunho directo dos apóstolos", ao "andar pelos caminhos do mundo a anunciar Cristo", conquistando a humanidade.

Sua Santidade o Papa João Paulo II – 1920-2005

Um pontificado ao ritmo da «Senhora da Mensagem»



Roma, 25 de Março de 1984.

Em 1966, D. João Pereira Venâncio, bispo de Leiria, convidou os bispos do mundo para estarem presentes no cinquentenário das aparições de Fátima, em 1967. O arcebispo de Cracóvia, Mons. Wojtyła, a 5 de Setembro de 1966, agradeceu o convite, mas declarava, com pena: "Estou quase certo de que não será possível ir aí. V. Ex.ª conhece a devoção do povo polaco à Santíssima Virgem. Sem dúvida que todos compartilhamos aqui os vossos sentimentos nobres e calorosos, durante o vosso grande Cinquentenário. Não imaginava ele quanto a sua vida haveria de estar ligada à mensagem trazida por Nossa Senhora à Cova da Iria."

Passaram anos, depois daquele primeiro convite. Em 1978, no conclave reunido após o brevíssimo pontificado do "Papa do Sorriso", o arcebispo de Cracóvia foi eleito papa com o nome de João Paulo II.

Logo no início do seu ministério, fez-se peregrino do mundo. A primeira referência conhecida do novo papa ao Santuário da Cova da Iria foi, a 25 de Janeiro de 1979. Em telegrama ao Presidente da República Portuguesa, quando o avião pontifício sobrevoava Portugal, a caminho do México, implorava, "para o dilecto Povo Português, por Maria Santíssima, tão cultuada especialmente em Fátima, a contínua assistência e favores de Deus".

Nas vésperas de 13 de Maio de 1979, D. Alberto Cosme do Amaral foi

recebido em audiência por João Paulo II. E, a 28 de Abril, o novo sucessor de Pedro, "no primeiro ano do seu Pontificado", afirmava a sua presença espiritual "aos numerosos peregrinos de Portugal e do mundo, que vão congregar-se nesse local abençoado. Peregrino com os peregrinos de Fátima, exorto-os a rezarem a Maria, por Maria e com Maria, a santa Mãe de Deus, Mãe da Igreja e auxílio dos cristãos, confiantes na sua plenitude de graça, protestando-lhe amor filial e devoção sincera, com base num propósito de fidelidade a Cristo, de fidelidade à Igreja e de fidelidade aos homens-irmãos".

Mensagens deste género vieram a repetir-se praticamente todos os anos, sobretudo por ocasião das peregrinações anuais.

Assim aconteceu na manhã do dia 13 de Maio de 1981. O Cardeal Casaroli, Secretário de Estado, enviava um telegrama, em nome do Papa, aos peregrinos reunidos na Cova da Iria: "Presente espiritualmente aos Irmãos Bispos Portugueses amados peregrinos Fátima Santo Padre com todos deseja unir-se a Nossa Senhora, Mãe da nossa confiança e Mãe da Igreja para dirigir-se a Cristo Senhor da história do Homem e implorar que sobre mesma Igreja desça Espírito Santo".

Breves horas depois, o mundo tomava conhecimento de um vil atentado que ia tirando a vida ao Sumo Pontífice.

Três meses depois, o Papa fazia uma declaração significativa: "Visitei os túmulos dos meus predecessores e pensei que podia haver lá um túmulo a mais. Mas o Senhor dispôs diversamente; e Nossa Senhora – porque todos nos recordamos bem que era o dia 13 de Maio – cooperou para aquele "diversamente".

«Com o terço na mão, o nome de Maria nos lábios e o cântico da misericórdia no coração»

(12 e 13 de Maio de 1982)



A primeira peregrinação ao Santuário de Fátima pode resumir-se na alocação proferida na Capelha das Aparições, na noite de 12 de Maio de 1982: "Venho em peregrinação a Fátima como a maioria de vós, amados peregrinos, com o terço na mão, o nome de Maria nos lábios e o cântico da misericórdia de Deus no coração: Ele também "a mim fez grandes coisas... A sua misericórdia se estende de geração em geração".

«Duas candeias para iluminar a humanidade»

(12 e 13 de Maio de 2000)



A culminar este ciclo de peregrinações ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, mais uma atitude extraordinária do Papa: em pleno ano jubilar de 2000, voltou para beatificar os dois pastorinhos Francisco e Jacinta, a 13 de Maio de 2000: "Eu te bendigo, ó Pai, porque revelaste estas verdades aos pequeninos". O louvor de Jesus toma hoje a forma solene da beatificação dos pastorinhos Francisco e Jacinta. A Igreja quer, com este rito, colocar sobre o candelabro estas duas candeias que Deus acendeu para alumiar a humanidade nas suas horas sombrias e inquietas. Brilhem elas sobre o caminho desta multidão imensa de peregrinos e quantos mais nos acompanham pela rádio e televisão. Sejam uma luz amiga a iluminar Portugal inteiro e, de modo especial, esta diocese de Leiria-Fátima".

No mesmo dia, abriu-se uma janela sobre a última parte do segredo de Fátima, manifestado aos pastorinhos, em Julho de 1917: "Segundo a interpretação dos pastorinhos, interpretação confirmada ainda recentemente pela Irmã Lúcia, o "Bispo vestido de branco" que reza por todos os fiéis é o Papa. Também ele, caminhando penosamente para a Cruz por entre cadáveres dos martirizados (bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e várias pessoas seculares), cai por terra como morto sob os tiros de uma arma de fogo. Depois do atentado de 13 de Maio de 1981, pareceu claramente a Sua Santidade que foi "uma mão materna a guiar a trajetória da bala", permitindo que o "Papa agonizante" se detivesse "no limiar da morte".

Pela segunda vez, a 8 de Outubro de 2000, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima esteve na Praça de S. Pedro, em Roma, junto do Papa e dos Bispos do mundo inteiro, em que foi consagrado a Nossa Senhora o novo milénio que se aproximava.

Dois meses antes de partir para Deus, João Paulo II ainda pôde dar a sua bênção de Pai e Pastor à última pastorinha da Cova da Iria, a Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado. Pode dizer-se que esta foi juntar-se finalmente aos seus primos no Céu, para que os três, de novo reunidos, recebessem em festa o "Bispo vestido de branco".

L. Cristino

«Obrigado, Celeste Pastora!»

(12 e 13 de Maio de 1991)



Em Fátima, pela segunda vez, com a Irmã Lúcia.

Dez anos depois do atentado de 1981, quantos acontecimentos se passaram na história do mundo!

Por isso, o Papa voltou a Fátima, a 13 de Maio de 1991, novamente para agradecer: "Naquele memorável dia 25 de Março de 1984, Vós, ó Mãe Santa, dignastes-vos fazer-nos a graça da Vossa visita a nossa Casa, a Basílica de São Pedro, para quase visivelmente depormos no Vosso Coração Imaculado o nosso Acto de consagração do mundo, da grande família humana, de todos os povos. Obrigado, Celeste Pastora, por teres guiado com carinho maternal os povos para a liberdade!"

O testemunho do Santo Padre

Senhor ensina-nos palavras e gestos de paz

O Santo Padre João Paulo II foi o testemunho vivo da força de Deus na fragilidade humana. No dia da Páscoa do Senhor, a 29 de Março de 2005, com coragem e desprendimento pessoal, o Sumo Pontífice empreendeu um enorme esforço para aparecer diante das pessoas que, em todo o mundo, ansiavam a sua imagem e que muito rezavam por ele.

Não pôde falar, mas os seus gestos, e o visível sofrimento de não o poder fazer, disseram muito: fala-

ram da força da fé e da entrega a Deus e ao próximo. O Santo Padre lutou pelo valor da vida até ao final; da vida em Deus e da vida biológica e intelectual. João Paulo II conseguiu mostrar ao mundo que a velhice e doença fazem parte deste dom que é a vida humana, a preservar, cumprindo a vontade do Senhor.

Na mensagem *Urbi et Orbi* (à cidade e ao mundo), que precedeu a solene bênção papal, o Santo Padre, pela voz do Cardeal Ângelo So-

dano, reiterou o pedido pela paz no mundo e em especial nos países de África e do Médio Oriente.

De seguida, publicam-se parte das suas palavras:

"Fica connosco, Palavra viva do Pai, e ensina-nos palavras e gestos de paz: paz para a terra consagrada pelo teu sangue e empapada com o sangue de tantas vítimas inocentes; paz para os Países do Médio Oriente e da África, onde continua a ser derramado muito sangue; paz para toda

a humanidade, sobre a qual sempre grava o perigo de guerras fratricidas. Fica connosco, Pão de vida eterna, partido e distribuído entre os comensais: dá-nos também a força de uma solidariedade generosa para com as multidões que, ainda hoje, sofrem e morrem de miséria e fome, dizimadas por epidemias letais ou prostradas por desastrosas catástrofes naturais.

Em virtude da tua Ressurreição possam elas também participar de uma vida nova.

Também nós, homens e mulheres do terceiro milénio, necessitamos de Ti, Senhor ressuscitado!

Fica connosco agora e até ao fim dos tempos. Faz que o progresso material dos povos jamais ofusque os valores espirituais que são a alma da sua civilização.

Ampara-nos, Te suplicamos, no nosso caminho. Nós cremos em Ti, em Ti esperamos, pois só Tu tens palavras de vida eterna (cf. Jo 6,68) *Mane nobiscum, Domine! Aleluia!*"

Fátima dos pequeninos

N.º 293 – ABRIL 2005

Olá amiguinhos

O Santo Padre morreu! Chamamos morte à partida de alguém para a casa do Pai do Céu, onde há vida, vida, vida! O Santo Padre João Paulo II, que há vinte e sete anos Deus escolheu para representar Jesus cá na terra, para ser a cabeça e o pastor da grande família dos cristãos que é a Igreja, espalhada por todos os cantos do mundo, deixou-nos para ir viver em plenitude essa vida!

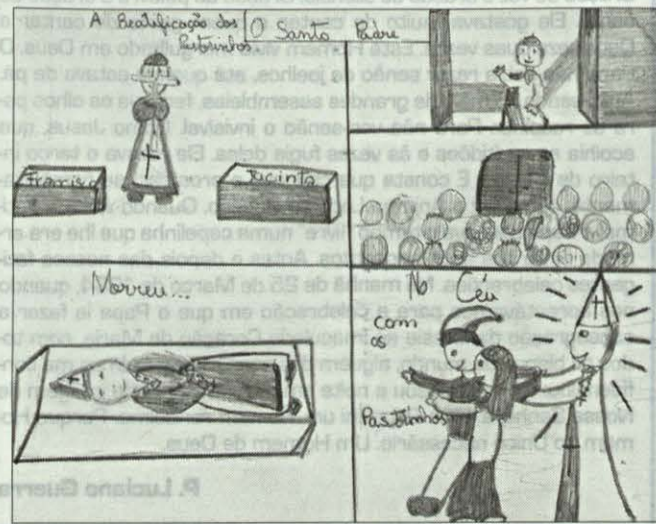


Com a sua partida para o Céu, todos nós ficamos um pouco tristes, porque gostávamos muito dele, e ele partiu. Mas temos a certeza que ele continua connosco na fé e no amor, porque na fé e no amor de Jesus todos nós podemos encontrar. Ao Santo Padre chamamos Papa. Papa, quer dizer pai, papá. E agora este nosso pai, partiu para onde estão os verdadeiros amigos de Deus, os santos; onde estão os Pastorinhos de Fátima de quem ele tanto gostava. O Papa foi juntar-se a todos eles. E agora pode pedir melhor por todos nós, cantar e louvar para sempre o grande amor de Deus pela humanidade, por quem ele muito trabalhou. Neste momento, o melhor que podemos fazer, é pedir a Jesus que nos ajude a fazer o que este Papa nos ensinou e a ser tão amigos de Deus, cá na terra, como ele foi, que trabalhou muito, amou e sofreu muito, para conduzir e guiar, como bom pastor, a Igreja de Jesus pelo bom caminho.

Esta é a melhor lembrança que devemos guardar deste Papa que nos deixou, não acham? Então guardemos esta lembrança como um muito obrigado a Deus, por tudo isso, de acordo?

Até ao próximo mês, se Deus quiser!

Ir. Maria Isolinda



BEATRIZ NEVES RODRIGUES, 10 anos, Externato de S. Domingos.

Sua Santidade o Papa João Paulo II – 1920-2005

Católicos unidos em novena de oração pelo Santo Padre Secretário do Papa pediu intercessão da Irmã Lúcia

No início do mês de Março, o Secretário do Santo Padre, Mons. Stanislaw Dziwisz, pediu, em Roma, ao Pe. Luís Kondor, Vice-Postulador para a Causa da Beatificação de Francisco e Jacinta Marto, para que se rezasse à Irmã Lúcia, falecida a 13 de Fevereiro deste ano, pelo Sumo Pontífice, internado naquele momento na policlínica Gemelli.

Mons. Stanislaw Dziwisz expressou a vontade de que das Irmãs Carmelitas do Convento de Santa Teresa de Coimbra, onde viveu a vidente de Fátima desde 1948 e onde está depositado o seu corpo, se associassem à oração.

Difundido o pedido, no dia 3 de Março, através da Rádio Vaticano, nos diversos idiomas, teve início, no dia 5 de Março a novena de oração, com a oração diária do Rosário.

No dia que terminou a novena, a 13 de Março, o Santo Padre saiu da clínica para o Vaticano, o que só estava previsto, de acordo com as previsões médicas, para o Dia de Ramos (20 de Março).



Primeiro encontro do Santo Padre com a Irmã Lúcia, 13 de Maio de 1982.

No dia 22 de Março, aniversário do nascimento da Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, teve início, uma nova novena de oração

pelo Santo Padre, à qual de novo se associaram as religiosas do Convento de Santa Teresa em Coimbra. A novena terminou no dia 31 de Março.

João Paulo II e a devoção ao Rosário



O amor do Santo Padre João Paulo II a Nossa Senhora manifestou-se particularmente na devoção ao Rosário ou terço, sobre o qual disse: «Esta oração é a nossa alegria e a nossa esperança. Nela incluímos tudo; com o Rosário vivemos e vamos

adiante cada dia. Com ele despertamos e com ele dormimos à noite. Com este rosário no bolso caminhamos pelas ruas da cidade e corremos apressados para o escritório e trabalho. Jamais nos cansamos do Rosário; pensamos com as categorias do Evangelho, toda a vida de Cristo e de sua Mãe. Por tudo isto, o Rosário se faz tão querido e tão nosso».

Treze dias depois de eleito Papa (29 de Outubro de 1978), dizia a mais de cem mil pessoas concentradas na Praça de São Pedro:

«O Terço é a minha oração predilecta. Oração maravilhosa! Maravilhosa na simplicidade e na profundidade! A oração simples do Terço marca o ritmo da vida humana... Exorto a todos, cordialmente, que o rezem».

A todos, mas dum modo particular às famílias cristãs recomenda:

«Sede fiéis aos exercícios de piedade mariana, tradicionais na Igreja: a oração do Angelus, o mês de Maria e, de maneira especial, o Rosário. Quem dera renascesse o belo costume – outrora tão difundido,

hoje ainda presente em algumas famílias – de rezar o Terço em família.»

Na sua peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Pompeia, junto a Nápoles, fez esta impressionante confidência: Enquanto pronunciava o seu transcendental discurso na Assembleia das Nações Unidas, em Nova Iorque, apertava o terço numa das mãos.

Inspirado na doutrina de São Luis Maria Grignon de Monfort, João Paulo II recorda que «toda a nossa perfeição consiste em sermos configurados, unidos e consagrados a Jesus Cristo». E, como Maria é, entre todas as criaturas, a que mais se configura a Cristo, «quanto mais uma alma for consagrada a Maria, tanto mais será a Jesus Cristo». O Papa afirmou mesmo que «nunca como no Rosário o caminho de Cristo e o de Maria aparecem unidos tão profundamente. Maria só vive em Cristo e em função de Cristo». Recitar o Rosário nada mais é senão contemplar com Maria o rosto de Cristo», escreve na Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*.

Pe. Fernando Leite

«Memórias da Irmã Lúcia»

Edição em língua Bahasa em breve no prelo

Está prestes a sair mais uma versão do primeiro volume do livro «Memórias da Irmã Lúcia», desta vez em Bahasa, a língua da Indonésia. Será o 18.º idioma em que esta obra é traduzida, e não será o último, uma vez que está já a ser feita a tradução para a língua da Ucrânia.

A tradução para Bahasa está em revisão, por um sacerdote indonésio a residir em Roma.

Numa edição do Secretariado dos Pastorinhos, foram vendidos mais de 5 milhões de exemplares deste primeiro volume, nos dezasseis idiomas existentes até ao momento.

Embora desde sempre tenha sido um livro bastante procurado, o interesse pelas «Memórias da Irmã Lúcia» aumentou significativamente após o falecimento da vidente de Fátima, a 13 de Fevereiro deste ano.

Uma das últimas maiores encomendas foi feita em Março, e resultou no envio para os Estados Unidos da América de doze mil livros, para várias distribuidoras.

As «Memórias da Irmã Lúcia» – primeiro volume, com as quatro primeiras Memórias – contém toda a Mensagem de Fátima.

Na Primeira Memória, escrita em 1935, por ordem do bispo de Leiria, José Alves Correia da Silva, Lúcia destaca a figura de Jacinta.

Na Segunda (1937) descreve a história das Aparições de Fátima tal qual ela é, com os temas surpreendentes das Aparições do Anjo e do Coração Imaculado de Maria.

Na Terceira Memória (1941) fala da vida espiritual da Jacinta e revela as duas primeiras partes do Segredo.

Na Quarta (1941) recorda principalmente Francisco e repete a descrição das Aparições do Anjo e de Nossa Senhora.

No Apêndice I fala das Aparições de Nossa Senhora em Pontevedra (1925) e no Apêndice II da Visão em Tuy (1929) – em cumprimento da promessa de 13 de Julho de 1917: «virei pedir a Consagração



Uma das últimas versões editadas, em 2004, das «Memórias» foi em Árabe.

da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão Reparadora dos Primeiros Sábados».

No Apêndice III transcreve-se o documento intitulado «A Mensagem de Fátima», com a «terceira parte do segredo» e o comentário da Congregação da Doutrina da Fé.

De acordo com o responsável pelo Secretariado dos Pastorinhos, o Padre Luís Kondor, está já a ser feita a tradução para Ucrâniano.

Existe um outro volume das Memórias da Irmã Lúcia. «Memórias da Irmã Lúcia II», foi escrito a pedido do Reitor do Santuário de Fátima. Nele são publicadas a 5.ª Memória (1989), especialmente dedicada ao pai da Irmã Lúcia, e a 6.ª (1993), dedicada à mãe da vidente.

Em Dezembro do ano 2000 foi editado, também pelo Secretariado dos Pastorinhos, o livro «Apelos da Mensagem de Fátima», onde é publicado um conjunto de textos que a Irmã Lúcia foi escrevendo ao longo de vários anos, em resposta a questões que lhe eram postas.

Algumas datas da vida da Irmã Lúcia

Na cronologia apresentada no número anterior da «Voz da Fátima», pág. 3, há duas inexactidões que agora corrigimos:

Segunda ida da Irmã Lúcia para Pontevedra – Foi a 9 e não a 6 de Outubro de 1934. No «Diário da Casa Provincial das Irmãs Doroteias de Tuy», refere-se – 6 [de Outubro de 1934]: «A Irmã Lúcia e Sor Rolán que iam para Pontevedra não puderam ir e voltaram para trás, porque está a greve revolucionária em vários pontos da Espanha e os comboios não andam». E no dia 9: «Hoje já puderam partir as Irmãs que iam para Pontevedra. Foi Sor Rolán, noviça, a Irmã Lúcia e a Rosa».

Visita ao Carmelo de São José, Fátima, para dirigir um trabalho de pintura – Não foi em 1981, mas nos dias 3 a 17 de Agosto de 1980, «para assistir a Irmã Maria da Conceição do Espírito Santo, na pintura dos quadros sobre a Mensagem de Fátima».

Inventariação de documentos

Aproveitamos esta oportunidade para informar os leitores da «Voz da Fátima» que o Santuário, através do

Serviço de Estudos e Difusão (SESDI), está a proceder, desde há anos, à inventariação dos documentos relacionados com as aparições, a mensagem de Nossa Senhora, o Santuário e os Pastorinhos, incluindo a Irmã Lúcia, em ordem à eventual publicação e estudo.

Estão neste caso também os documentos da autoria da Irmã Lúcia, desde que entrou, em 1921, no Instituto Van Zeller (conhecido por Asilo de Vilar), no Porto, até aos tempos mais recentes.

Muitas pessoas, desde há anos, têm oferecido ao Santuário de Fátima cópias e até originais desses documentos, sobretudo cartas.

Renovamos o apelo que já temos feito na «Voz da Fátima»: Pedimos às pessoas que estejam de posse desses documentos que nos dêem conhecimento deles e nos cedam, a título de doação ou de empréstimo, originais ou fotocópias.

A correspondência pode ser dirigida para: Serviço de Estudos e Difusão (SESDI) – Santuário de Fátima – Apartado 31 – 2496-908 FÁTIMA; e-mail: sesdi@santuario-fatima.pt; tel.: 249539600; fax: 249539605.

P. Luciano Cristino
Director do SESDI

D. Anacleto de Oliveira

Será ordenado Bispo em Fátima

A cerimónia da ordenação episcopal de D. Anacleto Cordeiro Gonçalves de Oliveira, Bispo Titular de Aquae Flaviae e Auxiliar do Patriarcado de Lisboa, decorrerá no Santuário de Fátima, no dia 24 de Abril, pelas 16h30.

«Sempre fui habituado a ir a Fátima, desde pequenino, com os meus pais. Desconfio que foi aí (no Santuário de Fátima) que nasceu a minha vocação», é desta forma que D. Anacleto explica a escolha pessoal do local para a cerimónia da ordenação episcopal. Para D. Anacleto, as razões de ordem prática e logística, e a ligação pessoal em termos de trabalho pastoral neste santuário, tiveram também decisiva importância na escolha de Fátima.

O bispo ordenante será D. Serafim Ferreira e Silva, da Diocese de Leiria-Fátima, e os co-sagrantes serão o Bispo de Coimbra, D. Albino Cleto, e o Bispo de Santarém, D. Manuel Pelino.

D. Anacleto Oliveira é natural da freguesia das Cortes, Leiria. Nasceu a 17 de Julho de 1946 e foi ordenado sacerdote a 15 de Agosto de 1970. Exerceu parte do seu munus dedicando-se à formação intelectual, obtendo o doutoramento em Sagrada Escritura, na Alemanha.

Até à sua nomeação, fez parte Conselho de Administração do Santuário de Fátima, onde também foi celebrante da Missa Dominical. Foi o Secretário da Comissão Científica da Universidade Católica nos últimos

três congressos internacionais realizados em Fátima. O prelado foi ainda um dos principais organizadores e impulsionadores da Peregrinação Nacional das Crianças ao Santuário de Fátima, que se realiza anualmente a 10 de Junho.

O lema de D. Anacleto «Escravo de todos», explica o próprio, foi escolhido por influência do texto de S. Marcos, onde, a respeito da organização dos serviços da Igreja, é referido que «Quem entre vós quiser ser o primeiro será escravo de todos», ao serviço de Deus e da comunidade. (Mc 9, 35-45)

Nomeado também a 4 de Fevereiro para Bispo Auxiliar de Lisboa, D. Carlos de Azevedo, recebeu a sua ordenação episcopal no dia 2 de Abril.

